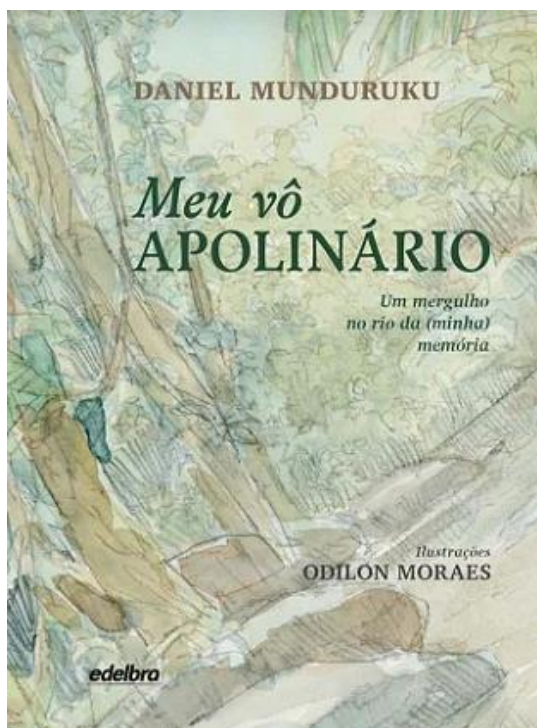


O LIVRO “MEU VÔ APOLINÁRIO: UM MERGULHO NO RIO DA (MINHA) MEMÓRIA”

Jones Dari Göettert

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

jonesdari@ufgd.edu.br



Daniel Munduruku escreve buscando sua ancestralidade, convidando leitoras e leitores a fazerem o mesmo. Escreva a vida, suas gentes e seus lugares, por isso sempre uma geografia viva vai se revelando a cada “mergulho”, seja em rio, literalmente, seja na memória, nos pensamentos de hoje que se misturam ao passado, às relações, gentes e lugares dele.

É isso um pouco do que se lê, se aprende e se sente “mergulhando” em *Meu vô Apolinário...*, de Daniel. O livro parece ter sua centralidade nos breves “capítulos” “A raiva de ser ‘índio’”, “Maracanã”, “Crise na cidade”, “O vô Apolinário”, “A sabedoria do rio”, “O voo dos pássaros” e “Apolinário se une ao Grande Rio”. Parece, porque é impossível desconsiderar aspectos das breves “Introdução”, “Notas”, “Palavras do autor” e “Palavras do ilustrador”: nestas últimas, o ilustrador Odilon Moraes diz que a princípio não se sentia confortável em participar do projeto do livro, mas o próprio escritor teria o incentivado “a entrar com meu mundo” no mundo dele, de Daniel, e daí expressa uma “síntese geográfica” genial: “parece que as melhores conversas são mesmo aquelas em que falamos a partir de nossos lugares e estamos abertos a ouvir sobre outros lugares”! Nas “Palavras do autor”, também algo muito “geográfico”: “que as pessoas que leram [lerem] este livro olhem para dentro de si – e também para fora – e vejam como é possível conviver com o diferente sem perder a própria identidade”. E nas “Notas”, um *ente geográfico*, “Igarapé”: “palavra que, em tupi, quer dizer ‘caminho da água’ [...] um canal

estreito por onde se espalham as águas de um grande rio”... Atenção, de novo: *por onde se espalham as águas de um grande rio!* Mas como, não seria justamente o inverso, ou seja, algo como *de onde nascem as águas de um grande rio?* Por que Daniel Munduruku parece inverter o curso do(s) rio/igarapés, *por onde se espalham as águas de um grande rio?*

Porque, talvez, a vida, a memória, o rio e seus igarapés nunca são apenas uma direção única e nem apenas de ida e volta, mas múltiplas, múltiplos, em movimentos incessantes de “vai-e-vem”; e, também talvez, seja assim que a ancestralidade vai se fazendo, nunca pronta ou acabada, mas sempre em devir (não um único devir, mas devires em multiplicidade).

E o livro *Meu vô Apolinário...* é isso: um “vai-e-vem” incessante sobretudo entre lugares, suas relações, *raivas*, *crises* e *sabedorias*. Lugares de uma cidade e de uma aldeia, de casas e de escola, de feiras, de uma menina Lindalva que não correspondeu à “paixão” de um *índio*... Mas que, de volta a sua aldeia, se reencontra com sua ancestralidade nos ensinamentos do avô. Nesses movimentos, duas passagens avassaladoras:

“[Na escola, na cidade]

– Oi, Lindalva. Eu queria muito falar com você. Sabe, faz tempo que sinto algo por você. Não percebeu isso, não?

– Eu não. Nunca percebi nada diferente em você.

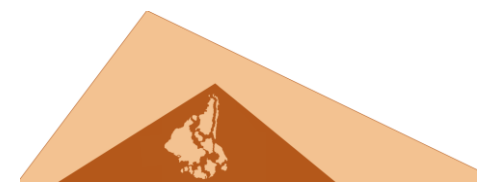
– Mas é verdade. Eu gosto muito de você. Não quer namorar comigo?

– O quê? Você acha que seu besta, é? Acha que vou trocar o gato do Edmundo por um, um, um... *índio* feito você? Você tem é titica de galinha na cabeça. Se quiser ser meu amigo, não toque mais nesta história, tá legal?”

Mas quem *tocou ainda no assunto* foi Lindalva, contando tudo para colegas, causando crise e tristeza para o *índio* Daniel.

“[Na aldeia, com o avô]

– Tem coisas que nunca saberemos porque nossa vida é curta. Só que elas estão escritas na natureza. As angústias dos homens da cidade têm seu remédio na terra e eles olham para o céu. Quem quiser conhecer todas as coisas, tem que perguntar para nosso



irmão fogo, pois ele esteve presente na criação do mundo. Ou aos ventos das quatro estações, às águas puras do rio, ou à nossa Mãe Primeira: a Terra.

E se calava, como se eu tivesse condições de compreender tudo aquilo.

– Nosso mundo está vivo. A terra está viva. Os rios, o fogo, o vento, as árvores, os pássaros, os animais e as pedras, estão todos vivos. São todos nossos parentes. Quem destrói a Terra, destrói a si mesmo. Quem não reverencia os seres da natureza, não merece a viver”.

Dois lugares com suas gentes a conversar com Daniel: se não são os mesmos lugares, como pode ser o mesmo *índio*? Assim, no movimento constante de “vai-e-vem”, a *raiva* de ser índio foi sendo transformado em orgulho em sê-lo, *Ser Munduruku*.

Meu vô Apolinário... é um livro de lugares, que, além do já exposto, se revela nas bonitas ilustrações: do bairro favelado à aldeia; da casa, da sala de aula e do campinho de futebol na cidade à maloca na “Maracanã”; de *indiozinhos* perdidos na floresta e da colega na escola rejeitando o pedido de namoro; do banho de rio à dedicação do avô a ensinar o mundo para o neto; e da transformação sempiterna do menino da periferia aos traços e adereços mundurukus já partes de seu corpo, de seu mundo *multiversado*.

Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória é, sem dúvidas, um dos mais bonitos livros *geográficos* já escritos e desenhados. Um livro também para aprender a ser feliz (pois a geografia também existe para a felicidade, não é?): “Lembre-se sempre [do vô Apolinário para Daniel], que só existem duas coisas importantes para a gente ser feliz nesta vida: 1) nunca se preocupe com coisas pequenas; 2) todas as coisas são pequenas”.

Boa leitura!

REFERÊNCIA: *Meu Vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. Daniel Munduruku. Ilustração Odilon Moraes. 1 ed. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2023, 47p.

Recebido em novembro de 2024.

Aceito para publicação em novembro de 2024.

